

A leitura do texto literário e seu ensino: importância e necessidade nos atuais tempos

Reading of the literary text and its teaching: importance and necessity in our time

La lectura del texto literario y su enseñanza: importancia y necesidad en nuestro tiempo

Ivana Ferigolo Melo

<https://orcid.org/0000-0003-0733-1024>

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Sob a promessa de garantir aos seres humanos otimização e melhor aproveitamento do tempo, redução de deslocamento, realização de trabalhos e de atividades desde o conforto do lar, impera, em nosso meio, com grande aprovação ou ao menos sem muitos questionamentos, o uso e o consumo, muitas vezes, ilimitado e indiscriminado da internet, dos aparelhos tecnológicos (*smartphones, iphones, tablets*), dos aplicativos alojados em telefones celulares ou em computadores, etc. Nossa era é, sem dúvida, a da pressa, da exigência de robusta produtividade, de alto desempenho, do chamado à realização de uma multiplicidade de tarefas simultaneamente. Considerando que na sociedade em que estamos inseridos, essas características se sobressaem e ditam, preponderantemente, a dinâmica da vida humana (tanto para o bem e como para o mal), buscamos, nesse artigo, demonstrar a relevância e a necessidade, para o ser humano que habita a referida realidade social, da leitura de textos literários, bem como pensar e delinear alternativas possíveis para o ensino dessa modalidade de leitura tanto na universidade como em escolas públicas. Partimos da ideia de que a forte presença da web e o uso contínuo das tecnologias estimulam o consumo rápido e desenfreado de textos, obliterando espaços para a constituição do exercício reflexivo e da experiência estética, atividades possíveis a partir da leitura do texto literário e muito necessárias ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de capacidades humanas como a de sensibilização e a de reflexão.

Palavras-chave: literatura, leitura, tecnologia.

Abstract

Nowadays, the often unlimited and indiscriminate use and the consumption of the internet, technological devices (all types of cell phones, tablets, etc.), application programs on computers and cell phones, gain widespread acceptance. This is because its use promises optimization and better use of time, reduction of travel, development of work and activities within the comfort of home. Our times is, undoubtedly, the age of haste, of the strong productivity, of high performance, of the call to do a multiplicity of simultaneous tasks. Taking into account that in our society these characteristics stand out and order predominantly the dynamics of human life, for good and for bad, this paper searches to discuss the relevance and necessity for literary reading for human beings who live in these social conditions. On the other hand, it is important to think about and outline alternatives for teaching this genre of reading in universities and also in public schools. Our starting point is to observe how the strong presence of the web and the continuous use of these technologies encourage the rapid and disordered consumption of texts, thus reducing the space for reflection and aesthetic experiences. These activities are only possible through reading literary texts and are very necessary for the development and improvement of human capabilities, such as sensitivity and reflection.

Keywords: Literature, reading, technology.

Resumen

Bajo la promesa de garantizar a los individuos optimización y mejor aprovechamiento del tiempo, evitar desplazamientos intensos, realización de trabajos y de actividades desde el confort del hogar, impera, en nuestro medio, con gran aprobación o sin mucho cuestionamiento, el uso y el consumo, muchas veces, excesivo e indiscriminado de la internet, de aparatos tecnológicos (*smartphones, iphones, tablets*), de aplicaciones alojados en celulares o en computadoras etc.. Nuestra era es, indudablemente, la de la prisa, de robusta exigencia de productividad, de alto desempeño, de la convocación a la realización simultánea de múltiples tareas. Considerando que en la sociedad donde estamos inseridos, esas características abultan y dictan, preponderantemente, la dinámica de la vida humana, buscamos, en este artículo, demostrar la relevancia y la necesidad, para para el ser humano que habita la referida realidad social, de la lectura de textos literarios, así como pensar y delinear alternativas posibles a la enseñanza de esa modalidad de lectura tanto en la universidad como en escuelas públicas. Partimos de la idea de que la fuerte presencia de la *web* y el uso continuo de la tecnología estimulan el rápido y desenfrenado consumo de textos, obliterando espacios para la constitución del ejercicio reflexivo y de la experiencia estética, actividades posibles a partir de la lectura del texto literario y muy necesarias para el desarrollo o perfeccionamiento de capacidades humanas como la sensibilización y la reflexión.

Palabras clave: literatura, lectura, tecnología.

[...] ten cuidado, no sea que la lectura de tantos autores y de todo género de libros tenga algo de vago e inestable.

(SENECA, Epístolas morales)

No corras, no cambies de lugar. Esta agitación solamente es propia de ánimos enfermos. Creo que la primera señal de una mente sólida es poder parar y conmorar consigo misma.

(SENECA, Epístolas morales)

1. Introdução

Basta deslocarmos o olhar ao entorno para observarmos que a atenção das pessoas, hoje, está posta, sobremaneira, nas telas dos celulares e/ou de outros dispositivos. Em mesas de restaurantes, durante deslocamentos, em clubes, no transcorrer de aulas, palestras, em festas, encontros familiares, sejam os do cotidiano ou os mais esporádicos, em centros estéticos, durante atividades físicas, etc. é recorrente e já normal o fato dos indivíduos, em posse de seus celulares, manterem-se com o olhar fixo em suas telas. As pessoas até interagem, mas, em geral ou preponderantemente, com a cabeça inclinada em direção aos aparelhos. Por esse portal virtual, elas leem, escrevem (respondem, comentam, perguntam), repassam mensagens, notícias, vídeos, textos dos mais diversos gêneros, agendam

atividades, assistem filmes, etc. Ou seja, estão em constante processo de leitura, seja de texto escrito ou imagético, e exercitando a escrita ao mesmo tempo em que realizam outras atividades. É possível dizer, então, que vivemos em uma época em que, graças à internet, ao celular e a outros dispositivos pelos quais ela é acessada, temos a incrível possibilidade de aproveitar ao máximo o tempo no sentido de poder realizar mais de uma tarefa simultaneamente. Seria plausível esperar, dessa forma, a constatação de um aumento no desempenho da capacidade de leitura e de escrita a nível global, já que, nunca, ao que parece, se leu e se escreveu tanto.

Pesquisas, porém, têm evidenciado que, em dimensão mundial, involuímos enquanto leitores e temos mais dificuldade para resolver problemas críticos. Como se essas constatações alarmantes não fossem suficientes, estudos recentes também indicam que, pela primeira vez na história, a nova geração, dita geração digital, tem *QI* inferior ao dos pais¹. Algo, então, está errado e é, no mínimo, questionável a significativa e contundente defesa, que muitos setores da sociedade, incluindo instituições de ensino, fazem dos múltiplos benefícios da tecnologia como meio de acesso ao conhecimento, como facilitador da aprendizagem e viabilizador de multitarefas. Que a internet democratiza o acesso a informação é inquestionável, basta que as pessoas tenham um celular e acesso a um sinal *Wifi*. A contradição consumada entre os aclamados benefícios da tecnologia digital e as constatações das pesquisas, indique, talvez, que acesso à informação e ao conhecimento não significa necessariamente aprendizagem e desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita. A paradoxal situação conclama um olhar, ao menos, desconfiado e inclinado ao delineamento de algumas questões como: o acesso democratizado à informação e ao conhecimento trazido pela internet e pelos dispositivos tecnológicos facilitam, efetivamente, o desenvolvimento da leitura, da escrita e do senso crítico? A possibilidade de realizar multitarefas tem efeitos preponderantemente benéficos para o ser humano, para sua percepção, para elevar a qualidade de sua produção? É, de fato, leitura o que se realiza constantemente pelas telas dos celulares? O acesso a uma quantidade excessiva de informações e de conhecimentos, sem limite, recorte e seletividade, é favorável à consumação do ato da leitura e à formação de uma percepção e consciência amplas, profundas e apuradas? Com intuito de pensar mais sobre o paradoxo apontado, de responder

¹ Os resultados desses estudos são recuperados e discutidos no livro *A fábrica de cretinos digitais*, de Michel Desmurget.

ou ao menos tangenciar respostas a essas questões, é que se delineiam as linhas subsequentes.

2. A final, o que é ler?

Ler é uma ação do intelecto humano e, assim sendo, solicita, daquele que pode e decide realizá-la, esforços. Quando lemos, lemos textos dos mais diversos tipos e gêneros: notícias, receitas, relatos, crônicas, textos literários (contos, poemas, romances, etc.), *memes*, *fake news*. No entanto, em consonância com Zilberman (2023), pode-se dizer que

[...] de um modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Se este lhe aparece, em um primeiro momento, como desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados, representa, de antemão, uma leitura, porque imprime um ritmo e um conteúdo aos seres circundantes. (ZILBERMAN, 2023, p. 30).

Na base do conceito proposto por Zilberman encontra-se a ideia de que a leitura corresponde a um ato (tomada de decisão) de selecionar elementos do mundo e de conectá-los segundo uma lógica relacional racional, ou seja, conforme uma ordem oriunda da vontade e/ou da necessidade humana de recortar a realidade a que se está circunscrito, de reorganizar os elementos oriundos desse recorte a fim de torná-la compreensível, reconhecível ou dotada de ordem, de significado. Nesse sentido, o ato de ler ergue-se a partir de vários pressupostos: vontade, necessidade, disposição (para ação), curiosidade, atenção profunda. A condição do leitor é, por sua vez, a de um indivíduo ativo por excelência, mas também contemplativo (atenção implica permanecer). Sem ímpeto, necessidade ou vontade de conhecer, de esclarecer, de organizar, de significar, não haveria leitura. E sem se deter para observar, tomar o tempo necessário para deslindar espaços, coisas, fenômenos ou produzir correspondências tampouco poderia acontecer o ato leitura.

A atividade de ler apresenta-se como um processo de mediação entre o ser humano e o mundo (ZILBERMAN, 2023) e, nesse sentido, um texto ou discurso escrito ou falado pode ser concebido como o resultado material (um composto organizado de palavras) derivado de um processo de leitura. Sendo decorrente de uma vontade de explicação, de compreensão, de produção de sentido sobre algum fenômeno ou aspecto da realidade, o texto alumbra, lança luz sobre o mundo, sobre os acontecimentos. Ou seja, como construção de linguagem, o texto materializa um processo de leitura, servindo como meio para tomarmos conhecimento sobre a vida, sobre fatos, sobre ideias, sem que precisemos propriamente do

referente concreto. Poderíamos, então, dizer que o ato de ler textos escritos ou a escuta de discursos corresponderiam a ações cuja finalidade seria acessar sentidos a partir da leitura do outro realizada em circunstâncias espaciais e temporais precisas, sob motivações específicas e com fins particulares. Ou seja, o ato de ler perfila-se, também, como um processo consumável a partir da leitura gestada por outro indivíduo sob motivações, interesses, curiosidades específicos. Se há, portanto, uma característica própria do artefato textual é a ausência de neutralidade. Ele é recorte produzido sob necessidades ou interesses culturais, históricos, individuais, sociais, etc. variáveis, de forma que os sentidos que mobiliza e difunde através de sua tessitura linguística depende de fatores externos à linguagem, ou seja, da ordem do contexto. A leitura de um artefato de linguagem reivindica, então, uma posição ativa e contemplativa² do leitor. O significado não está unicamente no texto e o leitor que se propõe a ler, terá por diante a tarefa de estabelecer relações entre as partes textuais, entre suas percepções, motivações, e o texto, entre seus conteúdos oriundos de observações, de abstrações e de outros textos e os conteúdos do texto a ser lido. Requer-se do leitor, o esforço de levantar o contexto, já que, como indica Bakhtin, um “enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida [...] parte constitutiva e essencial de sua significação”. (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 2017).

As exigências que a realização da leitura impõe ao leitor (atenção, motivação, interesse, contemplação) fazem dela uma atividade que demanda tempo, empenho significativo de tempo. Tempo e atenção para mobilizar conhecimentos, tempo para resgatar contexto, tempo para deslindar a arquitetura textual, para negociar com o exprimido de forma oral ou escrita. Todo o ato de leitura, realizado mediante essas condições, vem à baila, então, como um ato criativo e prolongado. Através da interação com outros textos, o leitor tem por diante a possibilidade de criar seus próprios textos, formar opinião baseada em argumentos, desenvolver pareceres, argumentos e percepções próprios. Mas para tanto, precisa empenhar esforço, mover-se por vontade, curiosidade, resiliência, tolerância, acalmar a pressa, resistir a estímulos dispersivos. A tarefa da leitura é ativa, dá-se por negociação, é dialógica, ou seja, ocorre mediante

[...] diálogo entre o texto e o leitor, em que ambos fornecem informações a cada um deles, iniciando-se o processo de produção de sentidos, em

² Contemplativa no sentido de que o ato de ler requer tempo, observação prolongada do objeto de leitura

função dos aspectos sócio-histórico-ideológicos presentes, tanto no texto quanto na situação de recepção da leitura.” (MENEGASSI, 2011, p. 24).

Dessa tarefa ativa, pode-se esperar, ainda, o desenvolvimento da autonomia do indivíduo leitor, a possibilidade de ampliação de seu olhar sobre o mundo ou de sofisticação de sua percepção sobre o estar no mundo, sobre a condição existencial e social humanas³, fenômenos que, sem dúvida, não só indicam como confirmam a importância da leitura. Mas, como a leitura pode aperfeiçoar a percepção? À medida que o estabelecimento de relações, base do processo de leitura, só pode ser feito a partir de outros textos ou de observação com base em conhecimentos prévios. Quanto mais leitura, mais possibilidade de relacionar percepções, impressões e mais probabilidade de contemplar um mesmo ato, fenômeno, objeto, ideia, ambiente, etc. a partir de perspectivas variadas. O esfacelamento da certeza em relação a uma única versão sobre fatos, sobre fragmentos da realidade desponta, assim, como provável corolário desse aumento de possibilidades de relação. Isso, porém, não é negativo. É, sem sombra de dúvida, um ingrediente indispensável para o desenvolvimento da tolerância em relação a fatos ou ideias, bem como um componente significativo para a busca de soluções ou explicações mais apropriadas, ampliadas ou consistentes a questões complexas. Afinal, o gesto de olhar a partir de várias arestas abre a possibilidade de se vislumbrar e considerar lados de um fenômeno ou coisa que não conseguiríamos divisar desde um único ângulo.

A título de ilustração, tomemos o seguinte exemplo. A Amazônia, parte de um todo chamado natureza, pode acolher diversas leituras a partir de relações pautadas em observações de sua materialidade concreta ou em outros textos. É possível olhá-la como potencial meio de exploração econômica e, relacionando a condição de vida simples de ribeirinhos com a quantidade de ouro que podem concentrar os rios amazônicos, produzir textualmente a seguinte tese: qualificando ribeirinhos para inseri-los, remuneradamente, na prática da mineração, é uma possibilidade de lhes oportunizar uma vida economicamente mais confortável e satisfatória. Outro enunciado ou texto poderá relacionar, também, ribeirinhos à ideia de qualidade de vida, mas defender a tese, com base em argumentos forjados mediante a leitura de outros textos ou enunciados ou da observação da vida desses povos, de que eles não têm recursos econômicos, mas não são acometidos pelo stress do

³ É possível pensar o ato de leitura como probabilidade de ampliação ou complexização da percepção humana quando o tomamos como um ato relacional racional e dialógico, pois, quanto maior a possibilidade de relação, maior a probabilidade de angulação da realidade, ou de desvelamento ou produção de nuances.

trabalho que se dá sob pressão da produção e que, além disso, podem se alimentar de forma saudável, já que a ausência de mineração garante-lhes o acesso a uma quantidade abundante de peixes isentos de contaminação. Trata-se de outro ângulo de visão lançado aos mesmos aspectos da realidade, mas iluminado por argumentos diferentes. Ainda, é possível escutar os ribeirinhos que poderão ter opiniões díspares. A partir de todos esses ângulos, o leitor tem a oportunidade de constituir uma leitura que, ao menos, problematize a mineração e a ideia de qualidade de vida, o que pode servir de percalço a tomadas de decisões precipitadas ou apontar a forma mais adequada de desenvolvê-las, preservando ao máximo a natureza e propiciando uma vida digna à população envolvida.

Nesse processo de dilatação perceptiva sobre a realidade e sobre seus aspectos, sobre à vida, às certezas, sobre acontecimentos, ideias, tempo, ações, costumes, cultura, consequência de ações, etc., a leitura da literatura sobressai-se, justificando a importância do desenvolvimento do seu hábito e de seu ensino. Já na poética, Aristóteles afirmava que não corresponde ao poeta registrar o que sucedeu, mas escrever o que poderia ou deveria haver sucedido. A palavra grega *poiesis*, traduzida ao português como poesia, significa, em sua origem, o ato de criar, de fazer, sinalizando que o poeta cria, inventa, por meio da imaginação e da linguagem, aquilo que poderia ou deveria ter acontecido. Seu fazer, é, portanto, do âmbito do provável, é invenção, é conjectura estruturada de forma a produzir um efeito de verdade (verossimilhança). O escritor (poeta, para Aristóteles) tem a seu favor a liberdade. Não está preso aos fatos, ao acontecido, podendo produzir mundos possíveis baseados em conjecturas, intuição, sensações. Conta, dessa forma, com a liberdade de transfigurar aspectos da realidade, da vida, criá-los ou recriá-los e oferecer ao leitor perspectivas ou suposições diversas sobre acontecimentos, fenômenos, sobre experiências humanas, sobre o futuro, sobre o passado. Vindo à luz a partir de um exercício de independência, a literatura “é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado.” (CANDIDO, 2004, p. 176).

Criando, soberanamente (sob motivações e impulsos diversos), impressões, imagens, mundos possíveis, mediante processos transfiguradores ou preponderantemente inventivos forjados por imaginação e linguagem, a literatura oportuniza uma ampliação e/ou aperfeiçoamento do olhar ou percepção humanos. Lança luz sobre aquilo que pode passar-nos despercebido enquanto o cotidiano e suas exigências mais imediatas recrutam nossa atenção, podendo, ainda, expressar, sob forma conjectural, o que imperiosamente não nos é dado a conhecer. A nós, seres humanos, é-nos impossível saber e afirmar com segurança,

precisão, o que sente, pensa, move o outro ou o próprio mundo. Dada nossa dimensão inconsciente, não contamos com certezas e conhecimento total nem sobre nós mesmos. A ciência explica muito sobre o homem e sobre a natureza, mas não evidencia nem controla plenamente a dinâmica do mundo e da vida. Operando livremente com conjecturas, a literatura, como invenção, carrega a capacidade de ensaiar explicações sobre pontos que nos são obscuros, de conectar elementos oriundos do caos da existência, de organizar e recortar a vastidão do universo e das experiências. Dada a liberdade sob a qual se ergue, a criação literária é contemplada pela habilidade de produzir mundos dotados de lógica, ordem, valores e características avessas ou divergentes à forma como a ciência, as culturas estabelecidas, os costumes, as tradições os concebem. E, mergulhando no mundo criado e difundido pelo artefato literário, contamos com a probabilidade de repensar, de olhar por diversos ângulos o mundo que nos circunda e que nos forma, de nos olharmos e divisar o outro a partir de mais de uma aresta, de supor o que ele pode pensar e sentir em circunstâncias específicas. Nas criações ficcionais,

[...] a vida adota um sentido que podemos perceber porque elas nos oferecem uma perspectiva que a vida verdadeira, na qual estamos imersos, sempre nos nega. Essa ordem é invenção, um acréscimo do romancista, desse simulador que aparenta recriar a vida quando, na verdade, a retifica. Às vezes de forma sutil, às vezes, brutalmente, a ficção trai a vida, a encapsula em uma trama de palavras que a reduzem de escala e a põe ao alcance do leitor. Ele pode, assim, julgá-la, entendê-la, e, sobretudo, vivê-la com uma impunidade que a vida verdadeira não permite. (VARGAS LLOSA, 2002, p. 19-20. Tradução do autor).⁴

As criações literárias, nesse sentido, oportunizam uma qualificação à visão do leitor. Afinal, olhar uma mesma experiência, fato, fragmento do real, valores, costumes, hábitos, a partir de várias perspectivas engendradas com base em relações e ordenamentos diversos é um gesto imprescindível, já que o mundo não é estático, nem previsível, já que as pessoas têm suas particularidades, já que viver é caminhar por estradas que guardam surpresas, já que o percurso e a forma de sentir de um ser humano jamais equivalem ao de outro.

⁴ [...] la vida adopta un sentido que podemos percibir porque ellas nos ofrecen una perspectiva que la vida verdadera, en la que estamos inmersos, siempre nos niega. Este orden es invención, un añadido del novelista, simulador que aparenta recriar la vida cuando en verdad la rectifica. A veces sutil, a veces brutalmente, la ficción traiciona la vida, encapsulándola en una trama de palabras que la reducen de escala y la ponen al alcance del lector. Éste puede, así, juzgarla, entenderla, y, sobre todo, vivirla con una impunidade que la vida verdadera no consiente. (VARGAS LLOSA, 2002, p. 19-20).

Criando uma perspectiva sobre aspectos da realidade, situações humanas diversas, a produção literária nos permite ensaiar hipóteses sobre os outros,⁵ supor o que o indivíduo poderia fazer em dadas circunstâncias. Apresenta-se, também, como possibilidade, tanto ao escritor como ao leitor, de aprofundar e ampliar a compreensão sobre a condição humana e sua complexidade. No romance histórico *Agosto*, de Rubem Fonseca, por exemplo, o qual versa sobre personagens que participaram ativamente da construção de um período da história do Brasil, como o presidente Getúlio Vargas, o trabalho de invenção realizado pela ficção tem um efeito contundente sobre a imagem do forte caudilho criada e eternizada pela história oficial. Mergulhando no que seria a subjetividade profunda e ampla do presidente (suposta, inventada, óbvio, trata-se de ficção), a referida obra gera e apresenta Getúlio como um homem forte, de convicções firmes, mas também frágil, afetivo, educado, familiar, simples, carregado de dúvidas, temores. O que essa obra de ficção aporta ao leitor é fundamental. A recriação que faz do personagem permite ao leitor revisar a imagem do caudilho, percebê-lo como ser humano “normal”, repleto de matizes, de conflitos, acometido por sofrimentos, medos, angústias. Nesse sentido, o referido romance abre ao leitor a possibilidade de tornar mais complexa sua visão sobre os heróis históricos, de percebê-los como seres humanos, de entender que a imagem histórica é, também, um recorte, de concluir que o ser humano não é só força, mas também fragilidade, não é só razão, determinação e segurança, mas um espectro de emoções, em que a dúvida, a insegurança, o medo, a cobrança, a auto cobrança chocam-se, requerem negociação, tolerância, o que não se dá sem sofrimento. Essa percepção sobre os seres humanos pode dotar-nos de maior maleabilidade no momento de emitir juízos, e, ainda, tornar-nos mais sagazes ao ponto de compreender que a imagem histórica, caudilhistas, de Getúlio corresponde a uma construção narrativa que tem efeitos contundentes sob as massas humanas.

O fato de o escritor ser livre para escolher e relacionar palavras segundo uma ordem particular sentida ou imaginada faz, ainda, da literatura um universo gerador de infinitas imagens, as quais propiciam ao leitor olhares, significados, emoções, sentimentos variados e/ou avessos a formas estandardizadas. No poema *Praia dos ossos*, de Lawrence Flores Pereira, contido no livro *Mar adentro* ressoam, por exemplo, sofisticadas construções de linguagem como as que se visualizam nos seguintes versos:

⁵ Vale recordar que, na obra *Estética da criação verbal*, Bakhtin argumenta que a criação artística é motivada pela impossibilidade de o ser humano conhecer o outro e pela necessidade de especular, de conjecturar que esse outro inapreensível e inacabado desencadeia.

Não há nada aqui,
 do chumbo aquoso
 nada do Abismo
 já ancho
 os ceifados
 aqueles cujas
 cantam do semblante
 (FLORES PEREIRA, 2022, p. 8).

não, não há nada,
 do golfo amargo,
 sem-fundo, bátraco
 de tanto
 ingurgitar seus filhos,
 na flor da idade,
 líquidas lápides
 dançam nas vagas
 hirsuto
 que um dia arribou do mar.

O verso líquidas lápides apresenta a água do mar como uma camada móvel sobreposta a corpos mortos e submersos à medida que está construído a partir de uma relação metafórica incomum ao olhar corriqueiro ou referencial. Trata-se de uma elaboração inusitada, que, além de produzir uma aura sonora mediante combinação seleta de palavras contendo fonemas repetidos e, por isso, interpelar a dimensão sensorial do leitor, tem por principal efeito apresentar o mar como um imenso, sibilante, onduloso, obscuro e profundo mausoléu. A predominância de palavras contendo as letras r e s conformam o que se denomina aliteração e chamam o leitor a escutar os ruídos aquosos desse universo movediço. Palavras formadas por vogais fechadas como hirsuto, fundo, chumbo revestem o mar, por sua vez, com uma roupagem lúgubre, propensa a aguçar sinistras sensações. Essa imagem semântico e sensorial do mar convida o leitor a mobilizar memórias, sensações, sentidos, emoções e lhe possibilita a realização de um exercício de sensibilização sobre quem ariscou e arisca a vida, por exemplo, desafiando ou tendo que desafiar, por inúmeras razões, a força do oceano.

A combinação ou relação de palavras realizada de forma apurada pela voz lírica cria novas imagens (apresenta, por exemplo, um mar forjado sob os impulsos de percepção ou imaginação bem particular) que, além de interpelar os sentidos do leitor, mobilizando emoções, ampliam sua visão, alargam sentidos estandardizados, o que indica, ao fim e ao cabo, que as coisas são as coisas, e o que muda é a forma de relacioná-las, de percebê-las, de senti-las e/ou de apresenta-las. E isso é muito! Traz no bojo a ideia de que nem todos

vemos, pensamos e sentimos de forma equivalente, pressuposto determinante, se assimilado, para a conformação de um respeitoso reconhecimento da complexidade e particularidade humanas, tão necessário, por sua vez, para se viver em sociedade sem que a singularidade seja condenada ou totalmente comprometida. Além disso, a referida imagem do mar que se ergue do poema, é importante frisar, permite que, tanto o escritor como o leitor exercitem a imaginação, essa dimensão humana que, conforme aponta Vargas Llosa (...), é tão necessária à medida que ajuda o homem a escapar do peso e da estreiteza da realidade ordinária, produzida e nomeada por uma linguagem referencial, cujo efeito, entre outros, é enclausurar, colocar limites, à percepção.

3. “*De gorja son y rapidez los tiempos*”: desafios para o exercício de leitura do texto literário

Exercitar a imaginação, apurar ou ampliar o olhar sobre fenômenos, coisas, aspectos da realidade concreta, sobre a condição humana, produzir novas relações entre palavras, entre fenômenos, entre objetos e, conseqüentemente, novos sentidos, ensaiar respostas sobre o desconhecido, gerar imagens sobre a vida de maneira mais acabada são, portanto, algumas possibilidades de contribuição, ao ser humano, do texto literário, de sua leitura, as quais dependem obviamente da aquisição de seu hábito e de seu ensino. Mas, para que a leitura dessa modalidade textual ocorra, insira-se no cotidiano da pessoa, é necessário, frisemos, disposição do leitor e, conseqüentemente, empenho de seu tempo. Na realização de uma leitura mais apurada, no sentido de explorar o texto literário como criação, de recuperar seu contexto, o tempo e o esforço tornam-se ainda mais relevantes. E a consumação de uma prática de leitura interacionista, em que, conforme aponta MENEGASSI (2011), o leitor ativa a memória, a sensibilidade, a imaginação, reúne seus conhecimentos para negociar com o texto, confere ao tempo uma função ainda mais central. Assim sendo, debruçar-se sobre o texto literário para fazer uma leitura acadêmica ou não se apresenta como um enorme desafio nos atuais tempos. Ou seja, a leitura do texto literário, a qual pede investimento robusto de tempo, ganha os contornos de uma atividade penosa, uma vez que, nossos tempos, são da pressa, da aceleração. Lembremos: é a dinâmica temporal do *Tik Tok* que dita, preponderantemente, a cadência do ato de ler hoje, o qual ocorre, geralmente, pelas telas dos *smartphones* e, segundo SIBILIA (2016), se efetiva a partir de um leitor que, interpelado por uma profusão de textos e imagens das mais diversas naturezas e pelos avisos sonoros de chegada de mensagem, tende a saltar de uma tela a outra privando-se da lentidão, da

suspensão temporal, necessárias para permanecer em um texto, ler com atenção e com profundidade.

Vale lembrar que não nos causa qualquer estranhamento, nos dias de hoje, a assertiva de que é necessário otimizar o tempo. A gestão temporal acolhe tanta atenção ao ponto de existirem profissionais da administração, da psicologia, que encontram nessa área oportunidades laborais em potencial, cuja finalidade é auxiliar ou ensinar as pessoas a gerir o tempo de forma a não comprometer nem a sua produtividade, nem a saúde mental. Sob a promessa de viabilizar economia temporal, redução de deslocamento, a execução do trabalho desde o conforto do lar, é-nos oferecido ou exigido, de forma generalizada, com grande aprovação ou ao menos sem muitos questionamentos ou restrições, o uso da internet, de aparelhos como *notebooks*, *tablets*, *iphones*, *smartphones*, e dos aplicativos neles alocados. Nossa era é, sem dúvida, a da pressa, da exigência de robusta produtividade, de alto desempenho, do chamado à realização de múltiplas tarefas simultaneamente. A “boa” gestão do tempo é vista, nesse sentido, como uma atividade essencial. Não é que o tempo encolheu. Ele é apenas uma medida abstrata que organiza, divide a vida ou marca o ritmo da natureza. O fato é que nos é dada a possibilidade, atualmente, de transitar por inúmeras realidades e realizar uma multiplicidade infinita de ações pelo âmbito da virtualidade. É possível presenciar a produção da vida de muitas pessoas em imagens que elas mesmas colocam em circulação, de deslizar por infinidades de livros e textos, de visitar milhares de lojas em único um dia, hora, ou minuto, de fazer empréstimos, aplicações em vários bancos, de trabalhar em mais de um lugar, de produzir nossa vida a cada instante e colocá-la em evidência, de comprar barato, de escrever artigos, textos dos mais variados gêneros, de fotografar e expor tudo o que se faz, de falar e fazer circular com celeridade o que nos ocorre mentalmente, materialmente ou emocionalmente, sem muitas ou quase nenhuma objeção externa.

Nossos tempos são de oferta exorbitante de formas de ocupação, de alternativas de ocupação e lazer virtuais. Basta que tenhamos acesso a um celular e a um sinal *wifi*. E podemos fazer tudo isso e muito mais desde o “conforto de nossos lares” ou enquanto nos locomovemos, comemos, preparamos ou compramos alimento, lavamos roupas, cozinhamos, corremos, pedalamos. Habitamos, é fato, um mundo em que consumimos, produzimos e atuamos em demasia, em que a privação de bens de consumo (ao menos virtuais) nos é praticamente nula. Como corolário desse excesso, o que nos falta, o que não temos mais, devido, justa e paradoxalmente, ao fato de termos a liberdade e a oportunidade

de acessar e realizar uma infinidade ilimitada de coisas em curto espaço de tempo, é tempo. Como a ocupação plena implica ausência de descanso, sobra-nos também cansaço, esgotamento. A promessa, então, de que a internet, seus serviços e aplicativos auxiliam na produção de uma economia temporal apresenta uma faceta, no mínimo, questionável. Eles até dinamizam operações, evitam deslocamentos físicos. Oferecem, porém, tanta possibilidade de atuação e de ação virtuais ao ponto de nos mantermos plenamente ocupados, paradoxalmente presos via deslocamento contínuo de atenção e dispersão de foco, a suas infinitas janelas as 24 horas do dia, caso não façamos, conscientemente, uma gestão severa do tempo. Como recorda SHUL HAN (2020), o excesso de liberdade que temos atualmente para acessar informações e produtos pelas vias virtuais, bem como para consumir desmedidamente (sem restrições) estimulados por lemas como *you deserve it*, é, também e paradoxalmente, o elemento que nos aprisiona, que nos torna escravos de nós mesmos.

Nossa era é, nos dizeres do filósofo sul coreano, a da produção e do consumo generalizado, e, nela, praticamente todos temos a liberdade e o direito de produzir, de nos produzir, de consumir, mas em nome dessa liberdade nos escravizamos. O que caracteriza o escravo, lembra o autor, é a falta de tempo, a privação do descanso e do direito ao questionamento. Seu tempo e seus direitos pertencem ao seu senhor. Nós, porém, tendo liberdade e possibilidade de acesso ilimitado a qualquer informação, coisa, a atuar, agir e interagir virtualmente de forma incontrolada, corremos o risco de empenhar todo o nosso tempo nessas atividades, e, em consequência, ficarmos desprovidos dos vazios ou prolongamentos necessários à observação, à indagação, à reflexão, à constatação dos problemas que concretamente nos atingem e demandam resolução urgente. Nesse aspecto, não nos distanciamos de uma condição de escravos. Essas privações, porém, na sociedade atual já não se dão, assinala o SHUL HAN (2020), por proibição via força física ou por restrição ou limitação de acesso (ações carregadas de antipatia, investidas de negatividade e desencadeadoras de reação contundente dada a agressão e a falta que impõem ao homem), mas por excesso de possibilidade e acessibilidade (medida permissiva e, por tanto, simpática). O principal efeito dessa ausência ou quase ausência de falta e de controle, porém, é equivalente ao da restrição, embora muito mais eficaz: a final, possibilitar ou garantir ocupação plena de mentes e corpos, sem submetê-los às dores das privações, é uma condição

necessária e muito eficiente, porque atende desejos⁶ variados e ilimitados, à reprodução do *status quo* estabelecido.

As necessidades e possibilidades, lembra o autor sul coreano, são criadas pelo sistema, mas, devido à liberdade de optar que nos é dada, entendemos como nossas. A experiência apontada pelo autor, a que estamos submetidos, parece-me, equipara-se a de um bebê, que tendo um mundo para descobrir, não consegue, em um primeiro momento, parar, analisar consequências, planejar. Move-se e atua aleatoriamente, porque tudo nesse universo amplo que divisa lhe é novo, incita e dissipa imediatamente sua atenção. Quem recorta o mundo e da limites à criança (gestos de controle), ato necessário para que ela comece a exercitar o tédio, a atividade de pensar, de escolher, de questionar, para que desenvolva relações com certos ambientes e entes, evite outros, é o adulto. E o recorte, o limite, é necessário. Caso contrário a criança não se fixa, não se retrai, não cria raízes, não gera memória, não se constitui como sujeito dotado de identidade, não entende que além dela, de seus anseios, existe o outro e um mundo que convida, mas também ameaça, frustra, limita. A preservação da vida, do ambiente e a convivência em sociedade depende, obviamente, do desenvolvimento e internalização dessas noções oriundas do limite. Mas, em nossos tempos, a nós adultos, nos é apresentado o infinito, pois as forças restritivas, necessárias para nos devolver ao tédio, praticamente inexistem. A nós mesmos nos é incumbida a função de limitar, controlar nossos desejos e nosso mundo. Uma das consequências imediatas dessa condição de falta de limite ou de gozo de plena liberdade para gerenciar nossa vida, nossas escolhas, nosso tempo, definir nossas preferências é, sem dúvida, a facilidade de dispersão. E o disperso não consegue parar, pensar, questionar, carece, em geral, de argumentos e convicções sólidas, tem sua atenção facilmente desviada, é suscetível ao deslize, à deriva, ao esquecimento e, por isso, à persuasão. Não por acaso, em nossa sociedade, as opiniões são intensas, mas rasas. Beiram, algumas vezes, uma obsessão forjada em interpelações emocionais. Outras vezes são fortes, mas efêmeras, sendo logo substituídas por novas ainda em gestação. São as opiniões ensambladas em estados de dispersão, em condições apressadas e em ambientes saturados de possibilidades, impotentes no ato de deslindar os desafios mais contundentes e imediatos e projetar resoluções de problemas a longo prazo, mas intensas, raivosas e prejudiciais a uma convivência civilizada.

⁶ Se pensar que os seres humanos são, também, sujeitos do desejo, então, qualquer medida ou dinâmica que atenda sem muita limitação seus anseios será sentida como favorável, benéfica.

Quando o pensamento está em baixa, as emoções atuam na ribalta. E, nesse tablado, por exemplo, cresce a presença e a eficiência das *Fake News*. Apressados, interpelados pelo infinito que nos chega através das telas, já não checamos informações, já não nos debruçamos sobre textos longos com argumentos sólidos e confiáveis, já não nos esforçamos para construir argumentos plausíveis. Se o texto nos toca, guiados mais pela emoção que pelo exercício do pensamento, reagimos, repassamo-lo imediatamente, afinal há muitos outros nos convidando a espia-los e nos interpelando a pô-los em circulação.

Em um ambiente em que nosso tempo aplicado à realidade virtual sobrepõem-se ao tempo investido na realidade concreta, em que registros falsos ou pautados em argumentos frágeis e problemáticos são abundantes e têm circulação, recepção e efeitos similares ou superiores aos assentados em argumentos sólidos, a produção de parâmetros, paradigmas, ocorre de forma tão rápida e mutável ao ponto de eles não se fixarem como modelos capazes de sustentar projetos humanos e sociais duradouros, de longo prazo. Diante de parâmetros e valores voláteis, porque despidos de solidez e perenidade, tendemos, como seres humanos, à dispersão, à legitimação do vale tudo, a dar credibilidade aos que, em dado momento, gritam mais forte ou incessantemente, àqueles que não titubeiam mesmo que emitam discursos infundados. A final, a intensidade e a confiança condensam ideia de força, de poder, constituindo-se como recursos persuasivos de muita eficiência. Mergulhados nessa vastidão virtual de informações e atraídos incessantemente pela renovação, mutação, que lhe é própria, não nos sobre tempo para observar a realidade concreta e divisar suas contradições, para planejar e esperar algo do futuro. O que sobra é viver e fazer o que se apresenta sem peias ou indagações.

4. Considerações finais: “longe se vai correndo demais, mas onde se chega assim?”

O breve mapeamento realizado, o qual aponta que os seres humanos vêm sendo, desde a criação, implementação e democratização da internet, impelidos, de forma ascendente, à realização de múltiplas tarefas, a experimentar a exigência ou auto exigência de alta performance e produtividade e a sensação de encolhimento do tempo, abre campo para o delineamento de uma pergunta (já lançada anteriormente), entre muitas outras, claro: é possível ler e ensinar a ler nesse ambiente?

Obviamente, a facilidade do acesso a informação, artigos, livros, resultados de pesquisas não são sinônimos de produção de conhecimento, de realização de leitura. Para ler, lembremos, é necessário relacionar e fazer relações implica, por sua vez, observar,

contemplar, reter informações e imagens, selecionar e dispensar elementos, memórias, objetos, informações, saberes, o que requer atenção, constância temporal e o exercício de tolerar o fato de que não é possível conhecer tudo ou de tudo. Delegando ao celular, à internet a função de reter informações a serem acessadas a qualquer momento e em qualquer circunstância, nos livramos do esforço de memorizar, de lembrar, de criar, de processar. O preço, porém, dessa facilidade e desse excesso materiais disponíveis a qualquer hora e em qualquer lugar é a míngua ou esvaziamento de memória, a atrofia da atividade do pensamento. Para que pensar, memorizar, rememorar se tudo está ao alcance de um click. Mas, sem exercitar o pensamento, a memória, sem que façamos nossas próprias relações, nos tornamos plenamente dependentes e consumidores excessivos do que nos é disponibilizado online. Sem nos recolhermos ao nosso espaço, tempo e pensamento, ficamos propensos a reagir, sem titubear, às infinitas interpelações que nos chegam pela telas. Um dos efeitos principais dessa interpelação é o ingresso em uma estado de atuação ou de voyeurismo ininterrupto, que nos coloca em plena e constante atividade. Trata-se, no entanto, mais de atuação que de atividade, de um paradoxal atuar passivo e célere, porque direcionado pelas inúmeras reivindicações e estímulos oriundos da rede⁷, os quais, pelo excesso e rapidez de circulação, deslocam, constantemente, nosso foco, nossa atenção, roubando-nos os interstícios de tempo necessários à reflexão, à criação de algo novo, à realização da leitura nos moldes aqui discutidos.

Se o uso excessivo e inadequado da tecnologia pode trazer impactos negativos aos seres humanos tais como os elencados, o hábito da leitura e o seu ensino, principalmente da leitura literária que demanda mais investimento de tempo, atenção e concentração, desponta como uma atividade indispensável nos dias atuais. Em primeiro lugar, porque a atividade de ler exige de quem a realiza uma atitude de reposicionamento temporal. Chama o leitor a se demorar em um mesmo objeto, a desenvolver tolerância frente ao imediatamente incompreensível, práticas quase extintas, hoje, pela imediatista lógica operacional ditada pela tecnologia, mas, extremamente necessárias para o crescimento humano, para o

⁷ Aos homens ativos falta habitualmente a atividade superior, quero dizer, a individual. Eles são ativos como funcionários, comerciantes, eruditos, isto é, como representantes de uma espécie, mas não como seres individuais e únicos; neste aspecto são indolentes. — A infelicidade dos homens ativos é que sua atividade é quase sempre um pouco irracional. Não se pode perguntar ao banqueiro acumulador de dinheiro, por exemplo, pelo objetivo de sua atividade incessante: ela é irracional. Os homens ativos rolam tal como pedra, conforme a estupidez da mecânica. — Todos os homens se dividem, em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia para si é escravo, não importa o que seja: estadista, comerciante, funcionário ou erudito. (NIETZSCHE, aforismo 283, p. 116.)

desenvolvimento da resiliência indispensável a uma vida em sociedade, para a observação atenta dos complexos problemas de ordem existencial, social, ecológico, éticos que nos acometem e que clamam por soluções ou ao menos por atenuantes.

A pesar de ser útil, de facilitar a vida em muitas circunstâncias, de beneficiar o ser humano, a internet e as ferramentas tecnológicas que nos dão acesso a ela, como todas as coisas, tem seu avesso. Ela, enquanto espaço virtual ilimitado, é um convite à dispersão, a não fixação, à evasão da realidade concreta imediata (casa, família, comunidade, etc.), ao exercício de dizer muito e do ouvir pouco (já que ouvir implica parar, reter o foco, a atenção, considerar o outro, tolerá-lo, não contar com a oportunidade contínua do dizer), à fácil manifestação de desagradáveis, levianos, voláteis, porque rápidos, superficiais ou elogiosamente falsos, à veiculação de ideias e de resultados de pesquisa por vezes pouco relevantes, repetitivos ou forjados a base de uma apressada e forçada costura de informações. Facilitando a circulação, o acesso, o consumo, a expressão, os dispositivos digitais que nos garantem o acesso à internet dissolvem padrões, encurtam as distâncias entre bom e ruim, entre verdadeiro e falso, entre complexo e superficial. Praticamente tudo por ser dito e basicamente todos podem dizer e fazer circular suas opiniões, pensamentos, ideias. Eles propiciam liberdade de expressão em dose máxima, mas reduzem as possibilidades de escuta, de fixação, de contemplação. Uma alternativa a não proibição do uso da tecnologia, já que ela também tem seus benefícios, é a implementação de um agir vagaroso, cadenciado, e, para isso, a atividade de ler é sem dúvida uma alternativa inquestionável. Apresenta-se, só pelo fato de poder promover a desaceleração do receptor, como uma prática de ruptura capaz de ser implementada tanto coletivamente como individualmente. Além disso, mediante o processo de leitura do texto literário, tem-se por diante a oportunidade de se exercitar a imaginação, o pensamento e a sensibilidade, de se produzir memória, de se ampliar percepções sobre a vida e o mundo.

Em um meio saturado de informações acessíveis pelas telas dos telefones móveis, que, atomizando a atenção, dificultando a fixação e o foco e deslocando o olhar do entorno concreto e do outro, dificulta a produção de vínculos, de processos reflexivos, de percepções profundas e erguidas sobre sólidos argumentos, de desenvolvimento de afetos e memórias⁸, a leitura do texto literário torna-se não só relevante, mas necessária. Exercitar a

⁸ Byung-chul Han, ao analisar a relação entre seres humanos e entre homens e coisas, recorda que é “A história que se acumula com o uso prolongado” que carrega as coisas de conteúdo psicológico, tornando-as “um recipiente de sentimentos e memórias” (p. 35).

sensibilidade, acompanhar, por exemplo, a trajetória de um personagem, mergulhar em sua subjetividade, refletir sobre sua condição, sentir seus sentimentos, questionar ou se indignar com suas decisões, com seus afetos ou ausência deles, perceber, após uma leitura demorada requerida por uma linguagem que perverte referentes consensuais e sentidos estândaes, novas relações, sentidos, imagens, são possibilidades que a literatura oferece. Como essas atividades, praticamente, não encontram condição adequada de desenvolvimento na dinâmica do mundo atual, muitas das dimensões constitutivas do ser humano podem sofrer atrofia. A sensibilidade, a imaginação, as emoções, a atividade do pensar, de detectar e resolver problemas, de olhar através de ângulos variados, de pensar e repensar gostos, valores, normas, práticas estabelecidas e seus efeitos padecem quando a pressa e a distração ocupam o centro da vida. O ser humano é mais que corpo e instinto, é limitado e, por isso, orgânica e emocionalmente dependente, sente, é cultural e social, e também único, peculiar em vários aspectos, pensa e sabe que é mortal, precisa, portanto, contornar problemas, projetar ou imaginar soluções, exercitar emoções, analisar, pensar. Todas essas atividades demandam tempo e precisam ser exercitadas para que a condição do existir humano e a vida em sociedade não sejam comprometidos. Como a leitura do texto literário pede tempo e pode propiciar esses exercícios, trabalhemos para torna-la um hábito, seja pela via institucional ou não. Mas como torná-la hábito em meio a um ambiente virtual muito mais atrativo, já que propulsor de incessante novidade, distração, facilidade? Esse é o grande desafio e pede, a meu ver, um esforço familiar no sentido de dificultar ao máximo o acesso das crianças às telas, uma educação midiática que se empenhe em criar uma consciência sobre a natureza volátil e duvidosa bem como sobre os efeitos do excesso de exposição ao virtual, uma educação familiar e institucional pautada menos em valores mercadológicos e mais em valores humanos. Isso tudo exige mudança de valores e de atitudes o que pode ser estimulado por políticas públicas voltadas à projeção e implementação de um modelo educativo integral, que, em lugar de privilegiar o ensino através das telas, liberando o uso delas em aulas, exponha os estudantes a livros e a horas de leitura, com a finalidade de gerar o hábito de ler sob o primado da demora, sem tanta preocupação com a quantidade, para não corrermos o risco, como alerta Sêneca no fragmento recolhido na epígrafe, de nos tornarmos dispersos, rasos. Esse é o convite e, sem dúvida, um imenso desafio em tempos de muito atuar, de muito correr sem que perguntemos (contrariando o exercício do cantor materializado na indagação *onde se chega assim?*) onde arribaremos ou para que vamos com tanta urgência.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5737102/mod_resource/content/1/Arist%C3%B3teles_%20%20Po%C3%A9tica%20%282008%2C%20Fundam%C3%A7%C3%A3o%20Calouste%20Gulbenkian%29.pdf Acesso em: 30 abr. 2023.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

FLORES PEREIRA, L. *Mar adentro*. Cotia: Urutau, 2022.

FONSECA, R. *Agosto*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

MENEGASSI, R. J. Instâncias formadoras, domínio da escrita e do poder do professor. In: CENTURION, R.; CRUZ, M.; BATISTA, I. M. (Orgs.). *Linguagens e(m) interação: línguas, literaturas e educação*. Cáceres: Editora Unemat, 2011.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SENECA. *Epístolas Morales*. Disponível em: https://www.bibliotecavirtualdeandalucia.es/catalogo/catalogo_imagenes/grupo.do?path=1004872 Acesso em: 30 abr. 2023.

SHUL HAN, B. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 7ª ed.. Belo Horizonte: Editora Âyené, 2020.

SHUL HAN, B. *Sociedade do cansaço*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre poética sociológica). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-VidaDiscurso-Na-Arte>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.